

A CONTRIBUIÇÃO DO PSICÓLOGO PARA A PROMOÇÃO DE SAÚDE MENTAL NO CONTEXTO ESCOLAR: UM ESTUDO COM PROFISSIONAIS DE UM COLÉGIO ESTADUAL

SANTOS, Janaina Mazutti¹
AVANCINI, Mirian Borges²
CARNEIRO, Thuanny Tenfen³

RESUMO

Esta pesquisa foi elaborada em função do Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia, o qual se trata de um projeto de pesquisa na área da Psicologia Escolar/Educacional, com o intuito de compreender a visão de toda a equipe de profissionais em relação a relevância do papel do Psicólogo no ambiente escolar, e de que forma ele pode contribuir para a promoção da saúde mental destes profissionais. Segundo a literatura estudada, a área da Psicologia Escolar e Educacional como campo de atuação, vem sofrendo transformações significativas, o que tem tornado o trabalho mais abrangente, tendo em vista que o Psicólogo pode atuar não somente com o aluno, auxiliando no processo de ensino/aprendizagem e nas dificuldades escolares, mas também nas práticas consideradas emergentes. Estas práticas referem-se às atuações do Psicólogo no contexto psicossocial da escola, nas relações entre os membros da instituição escolar, favorecendo o ambiente e clima organizacional, bem como a saúde mental da equipe. Diante disso, foi realizada uma pesquisa com natureza básica e descritiva com o objetivo de investigar qual a percepção que a equipe de profissionais tem em relação ao papel do Psicólogo escolar e qual a contribuição desse profissional nesse contexto, a pesquisa foi desenvolvida de forma quantitativa e qualitativa, com foco nas experiências individuais dos indivíduos pesquisados. Na pesquisa participaram quarenta e nove servidores atuantes de um colégio estadual de um município do oeste do Paraná. Os instrumentos utilizados para a coleta de dados foram o questionário e a entrevista semiestruturada, na qual a análise de dados buscou relacionar os resultados com a teoria. Os resultados apresentados foram realizados em forma de gráfico para facilitar o entendimento e nos mostrou que grande parte dos profissionais tem uma visão do Psicólogo como auxiliar e promotor da prevenção e promoção da saúde mental da equipe, porém alguns dos participantes não têm uma visão ampla em relação ao papel do Psicólogo dentro da escola. No entanto diante do exposto nesta pesquisa, sabemos que este é um campo que está em expansão, e que ainda existem muitas mudanças em relação ao papel do Psicólogo a serem desenvolvidas e que é natural que as pessoas ainda não tenham esse conhecimento devido a trajetória histórica deste campo de atuação.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia escolar. Saúde Mental. Papel do Psicólogo.

¹ Professora Orientadora, Graduada em Psicologia, Especialista em Recursos Humanos, Especialista em Docência no Ensino Superior, Especialista em Psicanálise Clínica, Docente do Centro Universitário FAG, Psicóloga da Secretaria Municipal de Educação de Cascavel. E-mail: jana.mazutti@yahoo.com.br

² Acadêmica do 10º período do Curso de Psicologia do Centro Universitário FAG. Email: mirianavancini@gmail.com

³ Acadêmica do 10º período do Curso de Psicologia do Centro Universitário FAG. E-mail: thuannytenfen@outlook.com

THE CONTRIBUTION OF THE PSYCHOLOGIST TO THE PROMOTION OF MENTAL HEALTH IN THE SCHOOL CONTEXT: A STUDY WITH PROFESSIONALS FROM A STATE COLLEGE

SANTOS, Janaina Mazutti¹
AVANCINI, Mirian Borges²
CARNEIRO, Thuanny Tenfen³

ABSTRACT

This search was elaborated in function of a Conclusion in a Psychology Course, which is about a research project in the area of School/ Educational Psychology, in order to understand the view of a professionals team about the relevance of the role of psychologist in school environment and how it can contribute to the mental health promotion of these professionals. According to the studied literature, the area of School and Educational Psychology as a field action, it has been undergoing significant transformations, which has made the work more embracing, knowing that the Psychologist can not act only students, they can also assisting in the process of teaching/learning and in school difficulties as well as in practices considered emerging. These practices refer to the actions of the psychologist in the psychosocial context of the school, in the relations between the members of the school institution. Favoring the environment and organizational climate, as well as the mental health of the team. Therefore, a survey was carried out with basic and descriptive developed nature in a quantitative and qualitative way, with focus on individual experiences. Forty-nine civil servants from a state high school of a municipality in the west Paraná participated in the research. The instruments used for data collection were the questionnaire and the semi-structured interview, in which data analysis sought to report the results with the theory. The results presented were made in graph form to facilitate understanding and showed us that most professionals have a view of the psychologist as an assistant and promoter of prevention and promotion of mental health of the team, but some of the participants do not have a broad view of the psychologist's role in school, however in view of the above in this research, we know that this is a field that is expanding, and that there are still many changes regarding the role of the psychologist to be developed and and it's natural that people don't have this knowledge yet, due to a historical trajectory of this act field.

KEYWORDS: School Psychology. Mental Health. Psychologist's Role.

¹ Advisor, Psychology Graduate, Human Resources Specialist, Higher Education Teaching Specialist, Clinical Psychoanalysis Specialist, FAG University Center Professor, Psychologist at the Cascavel municipal Secretariat of Education. Email: jana.mazutti@yahoo.com.br

² Student of the 10th period of the Psychology Course of the Centro Universitário FAG. Email: mirianavancini@gmail.com

³ Academic of the 10th period of the Psychology Course of the FAG University Center. Email: thuannytenfen@outlook.com

1 INTRODUÇÃO

A Psicologia Escolar é um campo que se estendeu ao lado da Psicologia Geral, sendo que sua atuação, em um primeiro momento, era voltada aos alunos com dificuldades de aprendizagem, em sua avaliação e classificação. A partir de diversos estudos envolvendo a Psicologia Escolar e de mudanças na maneira com que as dificuldades escolares passaram a ser percebidas, este campo ampliou sua atuação. O olhar do Psicólogo escolar voltou-se também para a atuação com os pais, os professores e com a comunidade escolar. Desta forma, a área da Psicologia Escolar como campo de atuação, vem passando por transformações significativas, o que tem tornado o trabalho mais abrangente. (SOUZA, 2009)

O Psicólogo dentro da escola pode atuar não somente com o aluno atuando como auxiliar no processo de ensino/aprendizagem e nas dificuldades escolares, mas também nas práticas consideradas emergentes. Tais práticas referem-se às atuações do Psicólogo no contexto psicossocial da escola, cooperando diretamente com as relações entre os membros da instituição escolar de modo que favoreça o ambiente e clima organizacional, bem como a saúde mental da equipe. Diferente das formas de atuação tradicionais, as formas ditas como “emergentes” para Martinez (2010 p.47) consiste basicamente em “Diagnóstico, análise e intervenção em nível institucional, especialmente no que diz respeito à subjetividade social da escola, visando delinear estratégias de trabalho favorecedoras das mudanças necessárias para a otimização do processo educativo”.

O estudo que se segue, nos mostra que as habilidades e técnicas que um Psicólogo pode oferecer aos servidores do colégio, terá como resultado efeitos positivos, tendo em vista que o apoio psicológico é fundamental para aqueles que lidam com indivíduos que estão em construção diária, professores, educadores e todos os profissionais envolvidos na escola precisam ter acesso ao suporte psicológico, para que possam ter o auxílio e direcionamento necessário em caso de necessidade de resolução de conflitos ou lidar com eventos estressores o qual esses profissionais geralmente estão expostos, ou até mesmo dificuldade nos métodos de ensino, contribuindo assim, automaticamente para a promoção da saúde mental destes servidores (MARTINEZ 2010).

Como este campo de atuação ainda é muito recente, os profissionais da psicologia na escola podem ser vistos com certo receio por parte de outros integrantes do grupo escolar e por esta razão pode haver uma desconfiança em relação ao papel do Psicólogo escolar, por parte da equipe multiprofissional. A partir disso, nessa pesquisa, buscou-se coletar informações a fim de investigar qual a percepção que a equipe de profissionais tem em relação ao papel do

Psicólogo escolar e qual a contribuição desse profissional nesse contexto, a fim de demonstrar a importância da ampliação de possibilidades de atuação do Psicólogo, identificando as formas de intervenções baseadas na promoção de saúde mental, confirmando que o profissional da psicologia pode também promover ações com a equipe visando a prevenção e promoção da saúde mental.

1.1 HISTÓRIA DA PSICOLOGIA ESCOLAR

No Brasil, a Psicologia Escolar e Educacional tem sua biografia marcada desde as épocas coloniais, épocas estas em que as preocupações com a educação e a pedagogia exibiam em conjunto, questões sobre o fenômeno psicológico. De acordo com Massimi (2008), o estudo de publicações elaboradas nesta época, no campo da filosofia moral, educação e medicina, entre outras, busca a identificação de tópicos como: aprendizagem, desenvolvimento, motivação, controle e manipulação do comportamento, formação da personalidade, função da família, educação dos indígenas e da mulher, entre outros assuntos que, em seguida, tornaram-se elementos de estudo ou áreas de ação da psicologia.

A Psicologia escolar se expandiu ao lado da Psicologia geral, no final do século XIX, por uma necessidade de unificar a educação e as ciências psicológicas, por meio de uma ligação aos trabalhos desempenhados pelo Psicólogo norte americano Stanley Hall, com a publicação de um artigo no ano de 1882 com o título: “O conteúdo da mente das crianças quando ingressam na escola”, e o surgimento de clínicas e revistas de exposição de pesquisas amplas, especialmente, à área da psicométrica e da psicologia experimental (ARAÚJO e BARBOSA, 2010).

Araújo e Barbosa (2010) ressaltam através de estudos de Cruces (2006, p.20) que “a psicologia se desenvolveu no Brasil principalmente para atender problemas da educação, sobretudo a formação de professores”, no entanto, sendo designada como campo de atuação em psicologia escolar. Nesse contexto, foram criados, em diversos estados brasileiros, laboratórios de psicologia unidos às escolas normais, onde eram estendidos projetos integrados aos alunos com necessidades especiais e dificuldades de aprendizagem.

Portanto a principal característica da atuação do Psicólogo escolar durante a primeira metade do século XX era de caráter remediativo, ou seja, estaria ali para “curar” os problemas de desenvolvimento e aprendizagem. Isso mostra a influência da medicina e fortalecimento de uma atuação clínica no trabalho do Psicólogo escolar junto aos contextos educacionais, que

tinha como foco psicométrico, realizando a avaliação das capacidades cognitivas dos alunos e a organização de classes para alunos especiais (ARAÚJO e BARBOSA, 2010).

A psicologia escolar passou a atuar efetivamente nas escolas nos anos de 1970 com a publicação da lei 5.692/71, que ampliou o sistema educacional e efetivou ampliação da escolaridade obrigatória e gratuita. Esta lei trouxe mudanças significativas no contexto escolar, o aumento do número de alunos de diferentes classes socioculturais ocasionou dificuldades de adaptação do sistema à nova realidade, tanto por motivo de infraestrutura como de metodologia de ensino adequado ao novo panorama. Como consequência pode-se notar um crescimento na demanda de alunos com dificuldades de aprendizagem que ultrapassam o entendimento pedagógico dos docentes que estavam adaptados ao antigo contexto (ARAÚJO e BARBOSA, 2010).

De acordo com Collares e Moysés (1996) pode-se afirmar que as práticas interventivas provocaram ao longo de duas décadas a explicação para o fracasso escolar. Essas intervenções eram baseadas nos resultados obtidos por meio de instrumentos de medição de inteligência, atributos afetivos ou motores que às vezes localizavam problemas no indivíduo e outras vezes relacionavam essas dificuldades escolares as condições socioeconômicas ou ambiente familiar.

Porém ao invés de esclarecer as causas e tratar das dificuldades de aprendizagem como pretendiam os Psicólogos, tais intervenções acabaram por trazer prejuízo ao desenvolvimento dos alunos e contribuíram para o descaso dos agentes da escola, já que a ideia de melhoria estava associada ao poder de cura estabelecido a medicina e a psicologia (CAMPOS e JUCÁ, 2006).

Diante dos fatos aqui expostos, Araújo e Barbosa (2010) apontam a partir de estudos de Neves (2005) que a relação da psicologia com a educação aconteceu em desarmonia, pois aquela explicava fenômenos e ditava procedimentos de tratamento contribuindo para processos que iriam categorizar e segregar alunos considerados “diferentes”.

Os autores (2010) ainda ressaltam que a insatisfação dos Psicólogos escolares com sua atuação gerou uma crise por pelo menos duas décadas à frente. Esse período trouxe reflexões e pesquisas onde se tornou evidente o obstáculo causado por percepções de que o Psicólogo escolar tinha uma característica remediativa na situação do processo educativo. Além de atos que deram origem a desestabilização e insegurança na atuação em psicologia escolar, já que os procedimentos convencionais, já não respondiam mais às demandas do contexto com eficácia.

Neste sentido, as psicologias escolares e educacionais permaneceram como campos distintos até muito recentemente, uma como campo da prática profissional e a outra como área de pesquisa em psicologia, essa divisão passou a ser alvo de discussões entre os próprios

profissionais de psicologia, considerando que teoria e prática são princípios inseparáveis na construção de uma ciência humana. A partir daí tais discussões passaram a repensar a tarefa do Psicólogo, defendendo a necessidade de mudança na compreensão das questões escolares, visando à promoção de desenvolvimento de práticas pedagógicas de melhor qualidade (SOUZA, 2009).

Com o avanço dessas discussões, tornou favorável a criação da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRapee), que aconteceu entre o final da década de 1980 e no início de 1990, este acontecimento foi de grande valia para a delimitação da área de psicologia escolar. Desde então a entidade vem contribuindo para a divulgação de reflexões a respeito da identidade do Psicólogo escolar, dos conhecimentos psicológicos que se aplicam a área e das possibilidades de atuação em ambientes educacionais (ARAÚJO e BARBOSA, 2010).

2 MÉTODOS

Esta pesquisa teve natureza básica e descritiva, objetivando investigar qual a percepção que a equipe de profissionais de uma escola, da rede pública estadual do NRE - Núcleo Regional da Educação, em um município do oeste do Paraná tem em relação ao papel e a contribuição do Psicólogo Escolar, juntamente com a equipe.

Posteriormente, objetivou-se de modo específico descobrir qual a porcentagem desses profissionais que consideram que o Psicólogo, como membro da equipe, contribui de forma positiva para a promoção da saúde mental dos membros da escola. Sendo assim, o estudo foi realizado de forma qualitativa e quantitativa, tendo foco nas experiências individuais, e em seu objetivo descritivo, pois visa descrever características de uma população e descrição da realidade encontrada.

A pesquisa assumiu o formato de estudo de campo, que segundo Gil (2002), tem como objetivo aprofundar mais as questões propostas do que a distribuição das características da população, segundo determinadas variáveis. Assim sendo, o planejamento do estudo de campo apresenta mais flexibilidade, podendo acontecer mesmo que seus propósitos sejam reformulados ao longo da pesquisa.

A coleta de dados realizou-se através da pesquisa de campo, com aplicação de questionários sócios demográficos e entrevistas semiestruturadas. Segundo Gil (1999, p.128), o questionário pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número

mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.”.

O questionário utilizado contemplou 19 questões, todas objetivas, referentes ao nível de satisfação do indivíduo perante o seu trabalho; abordaram também se o entrevistado já realizou algum tratamento psiquiátrico ou psicológico, e se já passou por algum sofrimento psíquico causado pelo ambiente escolar. Este instrumento foi construído de tal forma que as respostas possibilitassem às pesquisadoras fazer uma análise do estado psíquico dos profissionais, bem como atingir os objetivos específicos impostos pelo projeto de pesquisa.

A entrevista semiestruturada, segundo Trivinõs (1987), tem como características as indagações questionadoras básicas que são apoiadas em teorias e hipóteses que se envolvem com o tema da pesquisa. As indagações questionadoras abrem novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos entrevistados. A entrevista semiestruturada ajuda na descrição dos fenômenos sociais e na explicação e entendimento de sua totalidade, mantendo a presença consciente e atuante do pesquisador neste processo de coleta de dados.

A entrevista foi composta de quatro questões descritivas, as quais questionavam diretamente a percepção dos pesquisados em relação à função de um Psicólogo Escolar, quais os contatos que estes profissionais tiveram com um Psicólogo dentro da escola, e de que modo este profissional poderia auxiliar na mediação de situações conflituosas na equipe escolar.

Junto aos questionários, foram entregues os Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que visa o convite ao participante, enfatizando a não obrigatoriedade da participação, e que não será divulgada nenhuma identificação. Os profissionais participantes foram informados a respeito do sigilo e da confidencialidade das respostas, como também sobre sua participação ser voluntária e que teriam liberdade para se recusar a participar da pesquisa a qualquer momento. E que apenas seria utilizada a coleta de dados para formação de gráficos e estatísticas. Foi entregue em duas vias, uma ficando com o participante e a outra sendo devolvida às pesquisadoras.

Inicialmente, as acadêmicas entraram em contato com o NRE para buscar informações sobre a documentação necessária para a realização da pesquisa. Posteriormente ao preenchimento da documentação e a aprovação, as pesquisadoras submeteram tal projeto à Plataforma Brasil, já que esta pesquisa envolve seres humanos, tal submissão se faz necessária.

Mediante a aprovação dos documentos, as pesquisadoras entraram em contato pessoalmente com a escola, sendo esta escolhida pelo método de maior facilidade de acesso e que aceitaram contribuir com a pesquisa. Sendo assim, foram solicitados dias e horários que

melhor se adequassem ao colégio, para que pudesse ser realizada a mesma. No primeiro momento as pesquisadoras já foram autorizadas a iniciar a pesquisa, em dias e horários consecutivos, até que se atingisse o número de participantes solicitados pela amostra.

Os participantes da pesquisa foram profissionais atuantes no colégio estadual situado em um município do Oeste do Paraná, sendo estes: Professores, Auxiliares De Serviços Gerais, Cozinheiras, Auxiliares Administrativos, Secretaria, Bibliotecários, Pedagogos, Diretor e Vice-Diretor. A pesquisa foi realizada em grupo de 10 pessoas ou menos, de acordo com a disponibilidade de cada indivíduo, para que não houvesse interferências nem constrangimento durante a pesquisa, o tempo para interpretação e resposta foi de aproximadamente 15 minutos.

A autorização imediata do Colégio facilitou muito o desempenho da pesquisa, porem ao iniciarmos a aplicação do instrumento muitos profissionais recusaram-se a participar, alegando falta de tempo, em sua maioria os professores. Mesmo com esse empecilho, no primeiro dia, as pesquisadoras obtiveram um número considerável de servidores dispostos a participar.

O segundo e o terceiro dia foram um pouco menos produtivos, devido a ser fim de semana e poucos profissionais estarem em função, já ó quarto e quinto dia, as pesquisadoras conseguiram um maior número de instrumentos aplicados. O último dia foi aplicado no período noturno, isso fez com que o número de participantes fosse menor, devido ao número de servidores atuantes também ser escasso, porém, foi concluído com êxito o número exigido pela amostra de 49 participantes.

A pesquisa foi realizada com 49 (quarenta e nove) voluntários, em um colégio de um município da região oeste do Paraná. A análise dos dados buscou compreender os resultados obtidos, sendo assim, foi utilizada a planilha Excel para realização da tabulação dos questionários. Para analisar quantitativamente as respostas dos questionários, foi utilizada a estatística simples. As entrevistas foram analisadas uma por uma e relacionadas com a teoria estudada.

A amostragem foi probabilística e estratificada, fundamentada em leis estatísticas e fundamentação científica, garantindo a fidedignidade dos dados e possibilitando a não generalização da informação coletada com a população. Já a análise qualitativa teve como natureza uma pesquisa etnográfica aplicada à educação, que tem como objetivo melhorar a qualidade da educação, identificando, analisando e solucionando os diferentes problemas que a afetam.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A pesquisa de campo não foi uma tarefa fácil, dadas às dificuldades encontradas com relação à disponibilidade da participação dos profissionais. Foi necessário o retorno ao colégio diversas vezes em busca dos dados.

Os resultados foram obtidos através de duas etapas, sendo que a primeira foi a aplicação dos questionários, com duração de 5 a 7 minutos, e a segunda foi a entrevista semiestruturada, com a mesma estimativa de tempo.

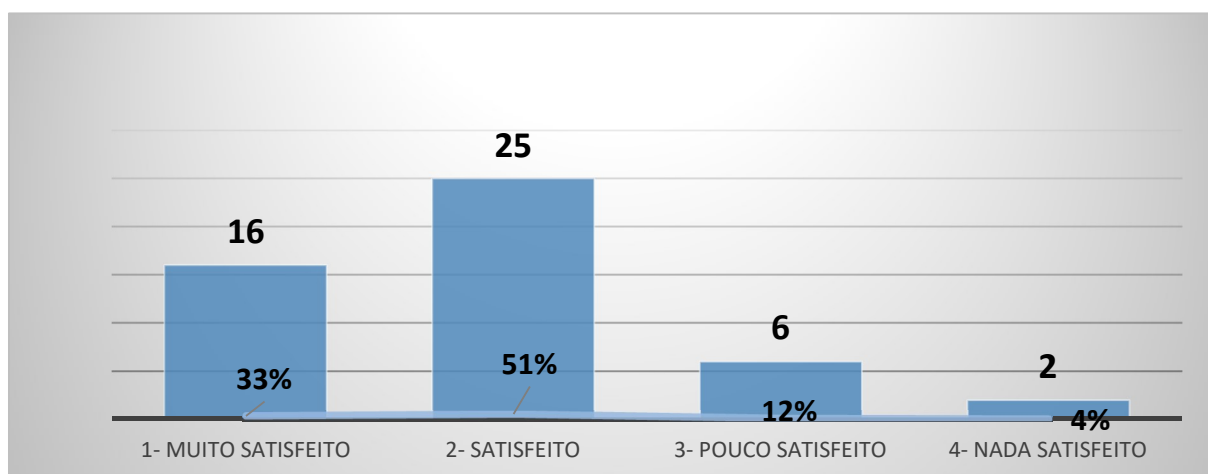
Segundo Gil (1999), a apresentação dos resultados é a parte central do artigo, sendo esta subdividida em vários capítulos conforme a quantidade e complexidade dos dados coletados. Envolvendo esta parte da descrição, a análise e interpretação dos dados obtidos. Depois de descrever os dados, é necessário realizar a análise de suas relações, indicando os resultados dos questionários aplicados. Após esta etapa é realizada a análise dos dados junto à interpretação, que pode ser considerada a parte essencial do artigo.

3.1 RESULTADOS OBTIDOS NA APLICAÇÃO DE INSTRUMENTOS - QUESTIONÁRIO E ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

Ao tratarmos dos instrumentos, foram utilizados dois: questionário e entrevista semiestruturada. O questionário teve como função identificar a amostra, profissionais que apresentam algum nível de insatisfação, que tenha como consequência algum dano em sua saúde mental, e que principalmente demonstrasse a necessidade de um profissional de psicologia inserido neste contexto, auxiliando como mediador desses conflitos através dos seus conhecimentos científicos. Já a entrevista semiestruturada, foi utilizada para analisar qual a visão que os profissionais têm sobre o papel do Psicólogo dentro da escola, qual o contato real existente neste meio, e verificar se o Psicólogo poderia contribuir com a promoção da saúde mental da equipe, e de que forma isso poderia ocorrer.

Os 49 (quarenta e nove) sujeitos foram questionados quanto ao nível de satisfação em relação a sua profissão. Abaixo se pode visualizar o gráfico que representa a nossa amostragem de profissionais satisfeitos e insatisfeitos com sua profissão.

Gráfico 1 - Amostra de profissionais de um colégio de um município do oeste do Paraná, em relação ao nível de satisfação com a sua profissão



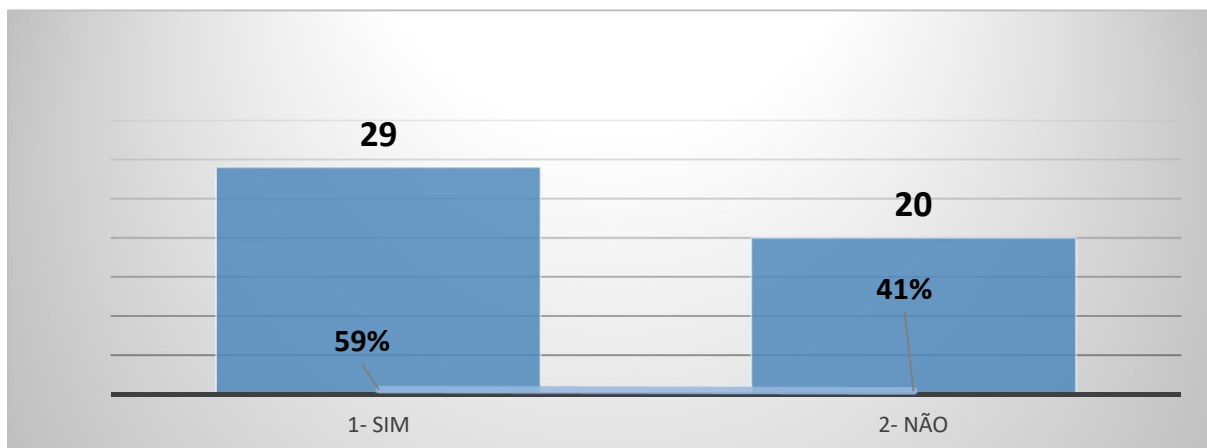
Fonte: Elaborado pelas autoras (2019)

O gráfico mostra que 49 (quarenta e nove) profissionais que responderam aos questionários, 25 (vinte e cinco) estão devidamente satisfeitos com sua profissão, e 16 estão muito satisfeitos. Resultando em 84% dos participantes da pesquisa. Vale ressaltar também que, 12% dos participantes estão ou pouco satisfeitos e 4% estão insatisfeitos com sua profissão.

A repercussão dos recursos ambientais e individuais em relação ao trabalho docente foi observada por Silveira (2014) através de estudos obtidos por Zurlo, Pes e Cooper (2007). Os autores observaram que a satisfação com o trabalho, na ausência de suporte social, pode levar a uma postura mais individualista, gerando, no longo prazo, um efeito negativo na qualidade do ensino. É, portanto, um fator de risco para o estresse resultante a outros adoecimentos mentais.

A pesquisa nos mostrou que apesar do nível de satisfação em relação à profissão ser elevado, ainda assim os servidores já sofreram algum dano psíquico dentro do seu ambiente de trabalho ou em função dele. As estatísticas nos mostram que 59% dos participantes já tiveram algum sofrimento no ambiente escolar e 41% não. Abaixo temos o gráfico que representa tais dados.

Gráfico 2 - Amostra de profissionais de um colégio de um município do oeste do Paraná, em relação já ter passado por algum sofrimento psíquico no âmbito escolar



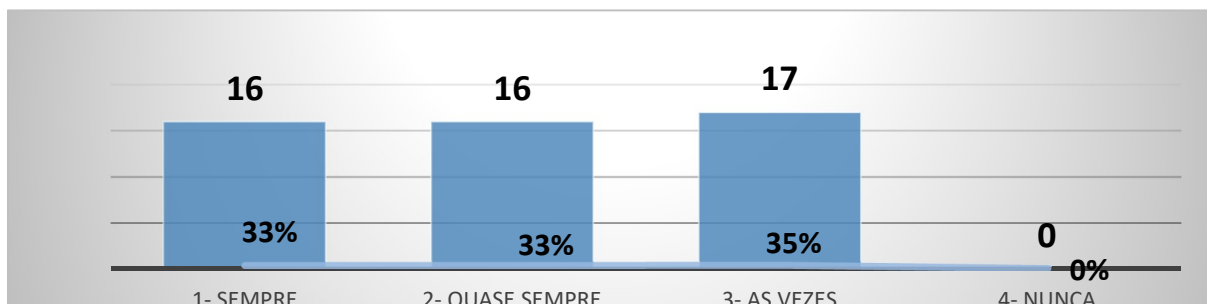
Fonte: Elaborado pelas autoras (2019)

Ao abordar a saúde mental no trabalho, podemos assegurar que algumas condições laborais conduzem a impulsos psicossociais que afetam a saúde mental do trabalhador. Pontos relacionados ao sofrimento mental no trabalho, seus motivos e decorrências têm sido crescentemente elemento de explorações, fundamentalmente pelas elevadas incidências e prevalências nos meios laborais, ocasionando graves lesões ao desempenho profissional do trabalhador e danos econômicos para o empregador além das despesas em grau macroeconômico (CAMARGO E NEVES, 2004).

Ao refletir sobre o mal-estar docente, Esteve (1999) destaca que, pode ser classificado como sendo uma doença social causada pela ausência de base da sociedade aos docentes, tanto no âmbito dos objetivos de ensino, quanto nas gratificações materiais e valorização do seu papel. Ainda de acordo com o autor, determinados fatos sociais podem influenciar a imagem que o docente tem de si próprio e do seu trabalho, e colaborar para provocar uma crise de identidade, autodepreciação pessoal e profissional.

Também foi questionado quanto ao nível de motivação no trabalho, pode se notar que 68% dos participantes sentem-se motivados quase sempre ou às vezes, mostrando um certo nível de insatisfação perante a essa questão. Abaixo se tem um gráfico onde mostra a proporção desta questão.

Gráfico 3 - Amostra de profissionais de um colégio de um município do oeste do Paraná, em relação à proporção de motivação no trabalho em que se encontram

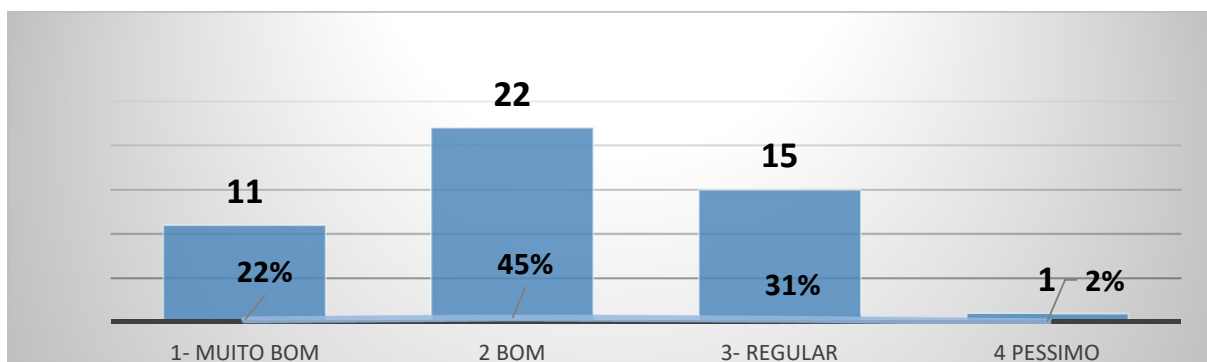


Fonte: Elaborado pelas autoras (2019)

Tratando-se saúde do trabalhador, faz-se necessário compreender saúde e bem-estar de modo que considere todas as perspectivas da vida de um sujeito. O bem-estar ou não, dentro do ambiente de trabalho está profundamente unido à qualidade de vida do indivíduo como um todo. Portanto, como asseguram Heloani e Capitão (2003) “as condições laborais bem como as relações diretas entre os trabalhadores, influenciam diretamente a qualidade de vida”. Deste modo, “é possível evidenciar a estreita relação de saúde com trabalho”.

Ao serem questionados sobre a auto avaliação da saúde mental de cada um, pode-se notar que 45% dos pesquisados consideram sua saúde mental boa, porem 32% a consideram ruim ou péssima. Abaixo se vê em gráfico, onde se apresenta tais resultados.

Gráfico 4 - Amostra de profissionais de um colégio de um município do oeste do Paraná em relação a auto avaliação de cada um sobre o estado de sua saúde mental



Fonte: Elaborado pelas autoras (2019)

De acordo com a Organização Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS), o conceito de saúde é mais do que a mera ausência de doença, somente é possível ter saúde quando se tem um completo bem-estar físico, mental e social. Atualmente, devido aos

progressos das ciências biológicas e comportamentais, tal significado recebeu um foco mais aberto (CAMARGO E NEVES, 2004).

Nesse contexto, interpreta-se a saúde mental como uma condição de estabilização entre o sujeito e o meio social onde está introduzido. Segundo Bleger (1980), precisa-se abranger a saúde mental enquanto a plena evolução dos indivíduos em sociedade. Deste modo, o destaque incide não somente sobre a doença, contudo na saúde e em como os indivíduos se comportam com o seu meio.

Os 49 (quarenta e nove) sujeitos foram questionados quanto ao uso de medicações para tratamento de sintomas de depressão, ansiedade dentro outros sintomas psicológicos, se já tinham feito ou fazem uso delas. Abaixo, o gráfico 5 representa a nossa amostragem de servidores que fazem o uso de psicotrópicos.

Gráfico 5 - Amostra de profissionais de um colégio de um município do oeste do Paraná que fazem ou já fizeram o uso de medicações para tratamento de sintomas de depressão, ansiedade dentro outros sintomas psicológicos



Fonte: Elaborado pelas autoras (2019)

O gráfico mostra que 29% fazem e 2% já fizeram uso de medicamentos para tratamento de sintomas da depressão, resultando em 31% dos participantes da pesquisa.

Tal como se estabelece na literatura, referente ao âmbito escolar, as autoras Facci e Urt (2017) percebem essa visão medicalizante do insucesso escolar. Esta visão é norteadada por práticas pedagógicas de professores e outros profissionais deste contexto, causando sofrimento aos mesmos. E que esse sofrimento deve ser curado e sanado com remédios, sendo o discurso voltado para a culpabilização do sujeito, para então, um processo de patologização.

A pesquisa mostra também que de 49 (quarenta e nove) servidores que responderam o questionário, 22 (vinte e dois) apresentaram insônia no último ano, resultando em 45% dos

participantes do estudo. Desse modo, ao questionarmos os servidores sobre apresentarem-se com humor deprimido nos últimos 365 dias, obtivemos como resultado um número considerável, onde pudemos perceber que mais da metade dos participantes já apresentaram os sintomas, resultando em 35%. Foi questionado também aos entrevistados sobre a apresentação de sintomas psíquicos relacionados à ansiedade e/ou depressão no último ano, tais como: nervosismo, falta de esperança, sensação vaga de perigo eminente. Sendo assim, os dados nos apresentaram que a maioria dos pesquisados apresentam esporadicamente, semanalmente ou até mesmo diariamente os sintomas, originando em 45% dos servidores entrevistados.

A categoria docente é uma das mais expostas a ambientes conflituosos e se compõe de uma alta exigência de trabalho, inclusive atividades adicionais, problemas com alunos, que muitas vezes procedem de ameaças verbais e físicas, pressão do tempo, etc. Tais situações estressantes levam a repercussões na saúde física e mental e no desempenho profissional dos professores. O impacto dos fatores estressantes sobre profissões que requerem condições de trabalho específicas, com alto grau de relação com o público, como a do professor, tem sido alvo de estudo em vários países sob a denominação de Síndrome de Burned Out, ou Burnout que, no Brasil, recebeu a denominação de Síndrome do Esgotamento Profissional. Reis et al. (2005 p.1480) definem Burnout como “Uma síndrome de exaustão emocional e de atitudes cínicas e negativas dos profissionais em relação aos sentimentos dos indivíduos para os quais dirigem o seu trabalho, visto que os seus recursos emocionais estão esgotados”.

As consequências da Síndrome de Burnout são muito sérias para todos os setores relacionados à educação: professor, aluno, equipe escolar como um todo. Visto que as mudanças do papel do professor na sociedade refletem na prática de ensino e na saúde do professor, a síndrome resultara em ausências e afastamentos para tratamento de saúde, além da forma despersonalizada com que os professores começam a tratar os alunos (REIS, et al., 2005).

Estudos recentes realizados em Portugal por Pinto, Lima & Silva, citados por Gouveia (2010) evidenciam que o stress também parece atingir a classe docente no nosso país. O estudo destes autores mostra que as principais fontes de stress dos professores são os problemas relacionados com os alunos, mais especificamente a indisciplina e falta de motivação, assim como a pressão temporal.

Segundo Gouveia (2010), o termo stress começou a ser utilizado nos anos 50 através da obra de Hans Selye (1956) intitulada “A Syndrome Produced by Diverse Nocuous Agents”. O autor relata que no ano de 1984, Lazarus e Folkman (1995) também estudaram o stress, segundo eles o stress se define por:

Face às exigências do meio, o ser humano pode passar por dois tipos de avaliação na qual a primeira corresponde à identificação da possível ameaça. Posteriormente e, caso a situação seja considerada ameaçadora, surge um segundo momento passível de avaliação, no qual se considera se os sujeitos são ou não capazes de enfrentar a situação. Neste sentido, caso os indivíduos considerem a situação ameaçadora e que as exigências provenientes do exterior ultrapassam a sua resistência, isso faz com que se manifestem mudanças de carácter psicológico, fisiológico e comportamental e que deste modo seja experienciado algum grau de stress (Idem) (GOUVEIA, 2010, p.03).

Ainda segundo Gouveia (2010), a experiência de stress na área profissional parece ocorrer quando os trabalhadores sentem que os seus recursos internos não são suficientes para lidar com as exigências que lhes são colocadas pelo trabalho.

A ansiedade e a depressão são transtornos que têm sido considerados as maiores doenças emocionais que comprometem a sociedade globalizada Santiago (2017). A depressão se distingue pelo desinteresse pela vida, falta de vontade de viver, medos, sejam de enfrentar algo ou alguma situação da vida. É uma doença tão séria, que a pessoa se sente incapaz de lidar com eventos básicos do seu cotidiano, utilizando-se de pensamentos de que não vale a pena viver ou lutar, afastando-se de tudo e todos, levando muitos ao suicídio ou a incapacidade de funcionamento, seja física ou mental (HORTENCIO, 2010).

Segundo Santiago (2017) a ansiedade constitui uma das doenças mentais mais prevalentes e a qual impõe uma elevada carga social, tanto para o indivíduo quanto para a sociedade. Trata-se de um comportamento natural e indispensável ao corpo, entretanto, quando em excesso, gera resultados comprometedores para a vida do indivíduo, passando de uma reação natural a transtorno. O transtorno de ansiedade identifica-se, por um conjunto de sintomas e sinais fisiológicos e psicológicos que intervêm no desempenho cognitivo e comportamental do indivíduo. Todavia, Borba (2015) discorre que:

A ansiedade, distingue-se do medo por se tratar de uma reação desproporcional em termos de duração, intensidade ou sofrimento subjetivo em relação ao nível de perigo provocado por possíveis estímulos de medo”. E ainda, é qualificada por um tipo de reação mais difusa, vaga e imprecisa a estímulos menos específicos (BORBA, 2015, p.15).

Juntamente com os questionários, se encontravam as perguntas referentes à entrevista semiestruturada, porém muitos participantes deixaram estas questões em branco. A entrevista consistia em três perguntas onde se buscou compreender qual a visão que o profissional da escola tem sobre o papel do Psicólogo dentro da escola, quais os contatos que esses profissionais já tiveram com a psicologia dentro da escola, e também investigar se um profissional da psicologia inserido na equipe de profissionais do colégio poderá auxiliar na mediação de resolução de conflitos.

Abaixo se categorizam os resultados em falas que foram mais significativas e frequentes durante as entrevistas com os profissionais, no Quadro 1.

Quadro 1 - Entrevista realizada em um colégio situado em um município do oeste do Paraná

No seu ponto de vista, qual é a função de um profissional Psicólogo dentro da escola?	Quais foram os contatos que você já teve com psicologia dentro da escola?	A vivência de conflitos pode interferir no desempenho profissional? Se sim, você acredita que um profissional da psicologia na equipe de profissionais poderá auxiliar na mediação destas situações?
<i>“Orientar os alunos e funcionários nas suas organizações pessoais e profissionais.”</i> <i>“Orientar as pessoas que apresentam problemas da área pessoal e psicológica.”</i> <i>“Mediar os conflitos e problemas psicológicos que os alunos trazem na sua bagagem social, e que interferem de maneira explícita na aprendizagem e no trabalho do professor.”</i> <i>“Auxiliar os educandos e educadores a lidarem, canalizarem seus conflitos internos e sentimentais, para que possa evoluir para uma convivência harmônica consigo mesmo e com os outros.”</i> <i>“Para ajudar os alunos e funcionários que precisam de ajuda e identificar casos que talvez por falta de conhecimento ou por timidez a pessoa fica sofrendo calado tendo pensamentos de morte e</i>	<i>“Nenhum.”</i> <i>“Nunca.”</i> <i>“Não tive.”</i> <i>“Nem um momento.”</i> <i>“Não há.”</i> <i>“Não, o estado não fornece esse tipo de auxílio.”</i> <i>“A escola não possui Psicólogos disponíveis.”</i> <i>“Raramente, através de palestras para os alunos.”</i> <i>“Só em palestras, quando o profissional vem oferecer aos alunos.”</i>	<i>“Sim é de obrigação do estado garantir educação e saúde de qualidade, isso inclui atendimento aos alunos e professores e todos os profissionais da educação para melhorar o andamento das aulas e resgatar vários alunos em situações de risco.”</i> <i>“Sim, pois se torna necessário a presença de um profissional, mesmo o estado não se comprometendo com esse objetivo, muitas crianças e professores deveriam ser ouvidos e ter alguém disposto a ouvi-los, seria fundamental...”</i> <i>“Sim o papel do Psicólogo pode mediar os conflitos internos e externos das pessoas, na busca de equilíbrio.”</i> <i>“Sim, as pessoas “em especial os alunos” necessitam ser ouvidos e orientados na resolução de seus problemas.”</i> <i>“Sim poderá ajudar e muito, pois convivemos com muitos problemas de outras pessoas.”</i> <i>“Acredito que sim, toda ajuda é bem-vinda, a pessoa está cada vez mais sem paciência, ansiosas e intolerantes e perdem a saúde se enchendo de remédios porque</i>

<i>depressão e precise de tratamento.”</i> <i>“Auxiliar todos, alunos, professores funcionários em geral.”</i> <i>“Auxiliar as pessoas com dificuldade em qualquer área de relacionamento.”</i> <i>“Teria a função de orientar e evitar que os profissionais entrem em um quadro depressivo.”</i>		<i>não conseguem lidar com emoções, frustrações perdas.”</i> <i>“Esta tem sido nossa pauta já há algum tempo!! Urgente!!”</i>
--	--	--

Fonte: Elaborado pelas autoras (2019)

Da análise das respostas, ficou evidente que os profissionais têm uma visão ampla sobre o papel do Psicólogo dentro da escola, enxergando-o como um promotor da saúde mental da equipe. Visto que o Psicólogo dentro da escola pode apoiar toda a rede de educadores, sabemos que o trabalho é grande e às vezes há muitas demandas para apenas um único profissional fazer todo o acolhimento. Mas certamente as habilidades e técnicas que um Psicólogo pode oferecer aos funcionários da escola, terá como resultado efeitos positivos, tendo em vista que o apoio psicológico é fundamental para aqueles que lidam com indivíduos que estão em construção diária como os servidores da escola. Um investimento na saúde mental destes profissionais precisa ser prioridade, falta um olhar para o “cuidar de quem cuida” (SILVA, 2011).

Entretanto uma minoria de servidores não tem essa visão, e ainda enxergam o Psicólogo apenas como mediador de conflitos envolvendo os alunos. Segundo Martinez (2010), avaliação, diagnóstico, entendimento e encaminhamento de alunos com dificuldades escolares e orientação a pais são as mais tradicionais funções do Psicólogo dentro da escola, devido à direção clínica que dominou a psicologia por muitos anos.

É importante analisar também nas falas obtidas, o contato praticamente escasso que esses servidores têm com um Psicólogo ou com um profissional da psicologia, tais como: “Nenhum”. “Nunca.” “Não tive”. “Não, o estado não fornece esse tipo de auxílio.”. “A escola não possui Psicólogos disponíveis”. “Raramente, através de palestras para os alunos”. Ou: “Só em palestras, quando o profissional vem oferecer aos alunos.”. Esses relatos nos mostram o quão vago é o contato com profissionais de psicologia na escola e como esse fator se faz importante diante da realidade escolar. Recentemente o Congresso Nacional Brasileiro decretou

o projeto de lei PL 3.688/00, que confere o *art1º*: *O Poder Público deverá assegurar atendimento por Psicólogos e assistentes sociais a alunos das escolas públicas de educação básica que dele necessitarem*. Essa lei trouxe esperança de uma nova realidade em relação ao contexto psicológico das escolas públicas *Brasileiras*, porém o atual presidente Jair Bolsonaro (PSL) vetou integralmente o projeto de lei que já estava aprovado pela Câmara dos Deputados, alegando que:

A propositura legislativa, ao estabelecer a obrigatoriedade de que as redes públicas de educação básica disponham de serviços de psicologia e de serviço social, por meio de equipes multiprofissionais, cria despesas obrigatórias ao Poder Executivo, sem que se tenha indicado a respectiva fonte de custeio, ausentes ainda os demonstrativos dos respectivos impactos orçamentários e financeiros (BRASIL, 2019 p.1).

Já com relação à pergunta sobre se a vivência de conflitos pode interferir no desempenho profissional, e se o servidor acredita que um profissional da psicologia na equipe de profissionais poderá auxiliar na mediação destas situações, foram extraídas algumas respostas, tais como: *“Sim é de obrigação do estado garantir educação e saúde de qualidade, isso inclui atendimento aos alunos e professores e todos os profissionais da educação para melhorar o andamento das aulas e resgatar vários alunos em situações de risco; Sim, pois se torna necessário a presença de um profissional, mesmo o estado não se comprometendo com esse objetivo, muitas crianças e professores deveriam ser ouvidos e ter alguém disposto a ouvi-los, seria fundamental. Ou: Sim o papel do Psicólogo pode mediar os conflitos internos e externos das pessoas, na busca de equilíbrio; sim, as pessoas “em especial os alunos” necessitam ser ouvidos e orientados na resolução de seus problemas; sim poderá ajudar e muito, pois convivemos com muitos problemas de outras pessoas. ”ou “esta tem sido nossa pauta já há algum tempo! Urgente!”*

Silva (2011) ressalta que profissionais da psicologia podem buscar extrair as competências de cada educador, e transformar em resultados mais eficazes dentro da sala de aula. O autoconhecimento, a autoestima e a inteligência emocional, são temáticas que precisam estar presentes na vida dos professores e equipe multidisciplinar, para que assim possam aprender a lidar com fatores desagradáveis que acontecem no cotidiano escola, da melhor forma possível.

Diehl e Marin (2016) citam que a inserção do Psicólogo dentro do contexto escolar poderá trazer reflexões para os educadores e os demais integrantes da escola, a fim de perceber sua visão do ensino aprendizagem, e como está sendo a dinâmica dele dentro do contexto escolar, e auxiliando-o neste processo, de modo que estes profissionais tenham o suporte necessário para ter para uma saúde mental positiva, mesmo que muitas demandas que surgem

possam ser negativas. A partir daí, o Psicólogo vai contribuir para que a equipe multidisciplinar fique mais fortalecida e instrumentalizada, além de ter mais segurança e autonomia, mostrando a umas suas competências e o seu valor para a instituição, não apenas como um profissional, mas também como um ser humano.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizada a análise dos dados levantados na presente pesquisa, podemos perceber que 59% dos pesquisados já tiveram algum sofrimento no ambiente escolar, e 96% destes mesmos nunca tiveram contato com um profissional Psicólogo em seu ambiente laboral, apesar disso, todos tem uma visão ampla sobre o papel do Psicólogo dentro da escola, enxergando-o como um promotor da saúde mental da equipe, excluindo-se apenas uma minoria, que além desta visão, percebem o Psicólogo com o seu papel voltado também para o aluno em si.

Conclui-se através do exposto, que por mais espaço que o Psicólogo escolar vem conquistando, ainda pouco se conhece do seu trabalho junto à equipe de profissionais da escola, sendo assim é necessária uma intervenção onde o profissional de psicologia possa expor essa opção de atuação, que está passando por despercebida na visão da equipe escolar, e demonstre que a atuação desse profissional dentro da escola pode contribuir para melhorar a saúde mental não somente com os alunos, mas também com os professores e equipe educacional.

Deste modo, podemos afirmar que o profissional Psicólogo dentro da escola pode atuar não somente com alunos, mas também com a equipe de profissionais. Mediando os conflitos na equipe, problemas psicológicos que os alunos trazem na sua bagagem social, e que interferem de maneira explícita na aprendizagem e no trabalho do professor. Podendo auxiliar também os educadores a lidarem e canalizarem seus conflitos internos e sentimentais, para que possam evoluir para uma convivência harmônica consigo mesmo e com os outros.

No entanto, devemos considerar as práticas que vêm sendo disseminadas no nosso Estado e até mesmo País, e que precisam ser mudadas para que modifiquem essa ideia de Psicólogo escolar construído historicamente, no intuito de favorecer a inserção desse profissional como parte da equipe escolar e na construção de profissionais com o olhar voltado para a totalidade institucional. Sendo assim, o Psicólogo poderá desenvolver uma atuação que agregue mais conhecimentos práticos, mudando a visão individualizada para uma visão integrada da escola.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. M. C; BARBOSA, M. R. **Psicologia escolar no Brasil: considerações e reflexões históricas.** Estudos de Psicologia. V.27, n. 03, p.393-402. Campinas-SP. Julho-Setembro, 2010.

BLEGER, J. **Temas de psicologia: entrevista e grupos.** São Paulo: Martins Fontes, 1980.

BORBA, L. N. **Estudo da associação entre tratamento para transtornos da ansiedade na infância e Habilidades sociais e sintomatologia parenteral.** 90 f. Dissertação (Título de mestre em Psiquiatria)

Universidade Federal do Rio Grande de Sul, Porto Alegre – RS, 2015. Disponível em:

<<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/97179/000920563.pdf?Sequence=1>>. Acesso em: 20 setembro 2019.

BRASIL. **Substitutivo Do Senado Federal Ao Projeto De Lei Nº 3.688-C, DE 2000**, Art. 1. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Poder Executivo, Brasília-DF, 8 de out. 2019.

CAMARGO, D.A.; NEVES, S.N.H. **Transtornos mentais, saúde mental e trabalho.** Série Saúde Mental e Trabalho, Org. Guimarães e Grubits, v.3, Casa do Psicólogo, São Paulo – SP, 2004.

CAMPOS, H. R.; JUCÁ, M. R. B. L. **O Psicólogo na escola: avaliação da formação à luz das demandas do mercado.** In S. F. C. Almeida (Org.), Psicologia escolar: ética e competências na formação e atuação do profissional, p.37-56). Campinas-SP, 2006.

CAPITÃO, C. G.; HELOANI, J. R. **Saúde Mental E Psicologia Do Trabalho.** São Paulo Em Perspectiva, p.102-108, São Paulo, 2003.

COLLARES, C. A. L.; MOYSÉS, M. A. A. **Preconceitos No Cotidiano Escolar: Ensino E Medicalização.** São Paulo- SP, 1996.

DIEHL, L.; MARIN, H. **Adoecimento Mental Em Professores Brasileiros: Revisão Sistemática Da Literatura.** Estudos Interdisciplinares em Psicologia, v. 7, n. 2, p. 64-85, Londrina-Pr, dez. 2016.

ESTEVE, José Manuel. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores.** Bauru, SP: EDUSC, 1999.

FACCI, M. G. D; URT. S.C. **Professor readaptado: Os adoecimentos nas relações de trabalho.** 38º Reunião Nacional ANPED, São Luís- MA, 2017. Disponível em: http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38anped_2017_GT20_128.pdf. Acesso em: 11 de out. 2019.

GIL.C.A **Como elaborar projetos de pesquisa.** 1999. São Paulo. Editora Atlas S.A. Acesso em: 30 de set. 2019.

GIL.C.A **Métodos e técnicas de Pesquisa Social.** 2008. São Paulo. Editora Atlas S.A. Acesso em: 28 de set. 2019.

GOUVEIA, C. J. B. **Burnout, Ansiedade E Depressão Nos Professores Mestrado Integrado Em Psicologia.** Seção de Psicologia Clínica e da Saúde, Núcleo de Psicologia da Saúde e da Doença, 2010.

HORTENCIO, R. F. H. et al. **Exercícios físicos no combate à depressão: percepção dos profissionais de psicologia.** In: congresso nordeste de ciências do esporte, 3, 2010, Ceará. **Anais.** Universidade Federal do Ceará. 2010. p.1-14. Disponível em: <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/conece/3concecape/viewFile/2475/969>>. Acesso em: 14 de set. 2019.

MARTINEZ, M. A. **O que pode fazer o Psicólogo na Escola?** Em Aberto, v. 23, n. 83, p. 39-56, Brasília- DF, mar. 2010.

MASSIMI, M. **Estudos históricos acerca da psicologia brasileira.** In FREITAS, RH. org. **História da psicologia: pesquisa, formação, ensino** [online]. Centro Edelstein de Pesquisas Sociais. p. 69-83. Rio de Janeiro-RJ. 2008.

REIS EJFB et al. **Trabalho e distúrbios psíquicos em professores da rede municipal de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil.** Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, set/out, 2005.

SANTIAGO, J.O. **Os Benefícios Do Exercício Físico No Controle E Prevenção Da Depressão E Ansiedade.** Faculdade De Educação E Meio Ambiente. Ariquemes – RO 2017.

SILVA, O. G. P. M. **A Silenciosa Doença do Professor: Burnout, ou o Mal-estar Docente.** UNAERP – Universidade de Ribeirão Preto – Campus Guarujá, 2011.

SILVEIRA, A. K.; ENUMO, F.R. S.; BATISTA, P. E. PAULA, P. M. K. **Estresse E Enfrentamento Em Professores: Uma Análise Da Literatura.** Educação em Revista, v.30, n.04, p. 15-36, Belo Horizonte – MG, outubro-dezembro 2014.

SOUZA, R. P. M. **Psicologia Escolar e Educacional em busca de novas perspectivas.** Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE), v.13, n.1, p.179-182, janeiro/junho de 2009.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.